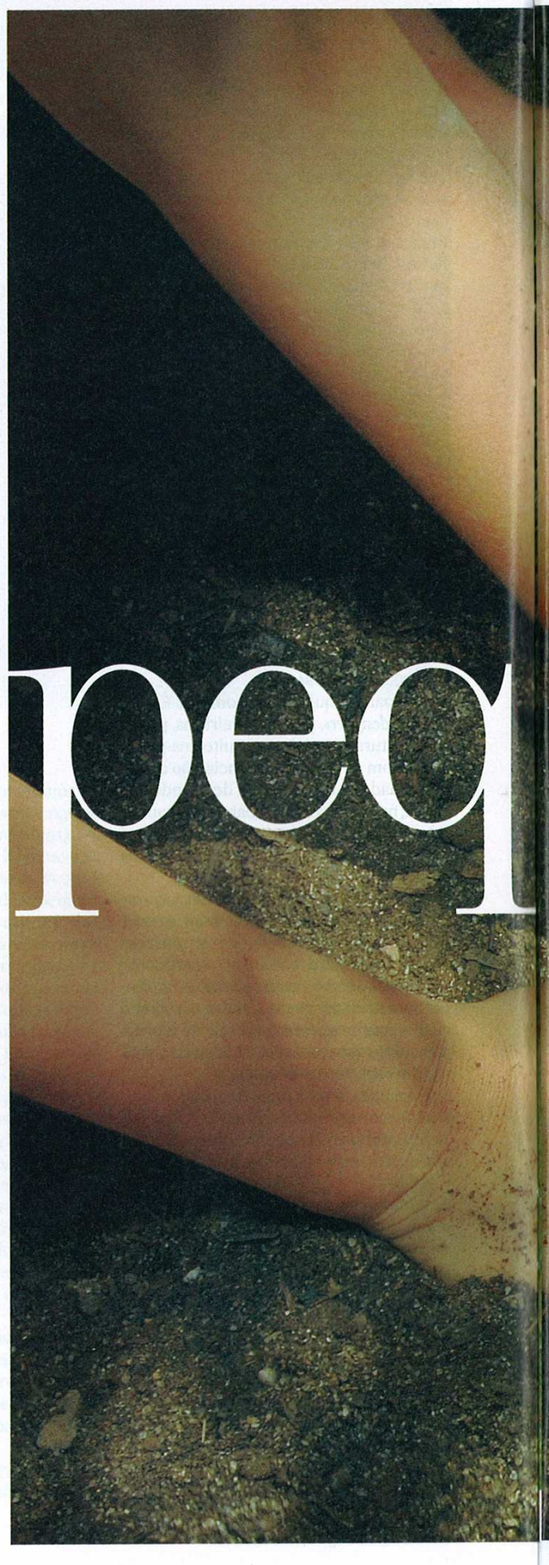
De pequenino...

FOTOGRAFIA **Rafael G. Antunes**

Têm seis, sete e oito anos e uma vontade inesgotável de saber tudo sobre plantas. É no Jardim Botânico da Ajuda, em Lisboa, com vista para o Tejo e a outra margem, que um grupo de dez crianças aprendem a jardinar enquanto os pais trabalham. Estão em ATL e das várias actividades a jardinagem está no *top* das suas preferências. Afinal, nesta idade, quem não gosta de mexer na terra?



É à sombra de uma frondosa *Shotia afra* da África do Sul que a directora do Jardim Botânico mais antigo de Portugal, o da Ajuda, dá início a mais uma lição de jardinagem. São quase 11 horas. Sentada num banco comprido de pedra, Dalila Espírito Santo encontra-se cercada de crianças para uma apresentação sumariada do que hoje vão aprender e fazer na hora e meia que se segue. As crianças ouvem, indiferentes à paisagem, o Tejo tão perto e o Monte da Caparica e a Trafaria ao longe. Não terá sido só para fugir à destruição do terramoto de 1755 que o rei D. José transferiu a corte para a Ajuda e aqui mandou construir o Real Jardim Botânico, anos depois da catástrofe que deu ao mundo que falar. O que daqui se vê valeria a escolha, mesmo sem terramoto.

«E vamos mexer na terra?» Sujar as mãos de terra é o que Diogo mais gosta nestas aulas de jardinagem. Mais do que regar e muito mais do que ouvir os nomes científicos

As crianças do programa Pró-Ambiente do Jardim Botânico da Ajuda aguardam mais uma aula de jardinagem. A professora Dalila Espírito Santo diz-lhes o que hoje vão aprender a fazer.

das plantas, para ele muito «estranhos» e «difíceis» de pronunciar, quanto mais memorizar. Mas os nomes, pelo menos aqui neste um lugar de ciência onde a investigação e o conhecimento são tão antigos quanto o jardim – inaugurado em 1768 para uso da família real e seus convidados e aberto pela primeira vez ao público, em dia certo, às quintas-feiras, por outro monarca, D. João VI –, têm de estar afixados junto às plantas. Os científicos e os vulgares, como os da que se preparam para transplantar. O Diogo não consegue dizer *Callistemon rigidus*, mas ouve atentamente a jardineira-mestre de serviço, Dalila Espírito Santo, directora do Jardim Botânico da Ajuda (JBA), que ao nome da espécie acrescenta o da família: *Myrtaceae*. Para o Diogo, bastaria o vulgar escovilhão-vermelho e até o diz devagarinho, quase a soletrar, para o caso de alguém duvidar. «E-S-C-O-V-I-L-H-Ã-O-V-E-R-M-E-L-H-O». E sabe de onde é, da Austrália, que se dá bem em locais de clima temperado e que dá flor entre Junho e Agosto. Do mesmo país é a cica, da família *Cycadaceae*, que está a precisar de mais terra do que a do vaso em que

Portugal Sensacional

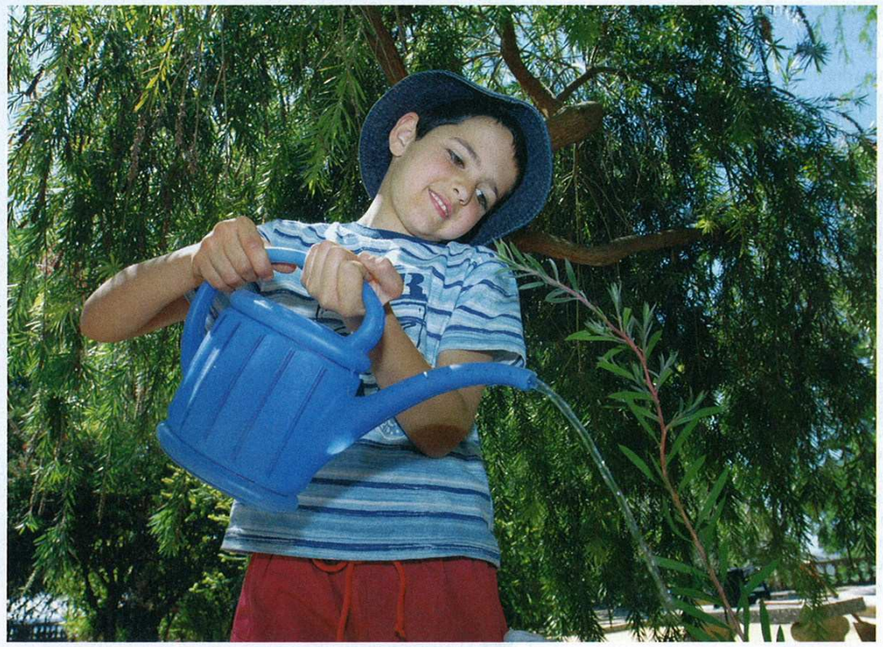
Vila Galé Naútico
4 estrelas | Armação de Pêra
Válido de 17 a 24 de Agosto
Mínimo 7 noites
Inclui: alojamento em regime de pequeno-almoço.
Preço por pessoa e noite em quarto duplo, de
€56

Vila Galé Tavira
4 estrelas | Tavira
Válido até 19 de Agosto
Mínimo 7 noites
Inclui: alojamento em regime de pequeno-almoço.
Preço por pessoa e noite em quarto duplo, de
€56

Apartamentos Neptuno
3 estrelas | Albufeira
Válido até 31 de Agosto
Mínimo 7 noites
Só alojamento
Preço por por apartamento (T1) e noite, de
€115,5

Hotel Montechoro
4 estrelas | Albufeira
Válido até 23 de Agosto
Inclui: alojamento em regime de pequeno-almoço
Preço por pessoa e noite, d
€63

Placa de Mérito Turístico - Ouro
Pelo 8º Ano Consecutivo
desde 1840 abreu
ABREU DIRECTO Telef.: 707 20 1840 | E-mail: directo@abreu.pt | Web: www.abreu.pt



Neste ATL de jardinagem as crianças ficam a saber quais as horas mais adequadas para regar.

está. «Por que razão temos de tirar as plantas deste vaso?» Respondem dois em simultâneo: «Porque está grande e o vaso é muito pequeno.» Dalila insiste: «Muito bem, mas não é só por isso.» Sara: «Porque precisa de mais terra. É a terra que lhe dá os alimentos para ela crescer.» Dalila, uma vez mais: «Muito bem. E para a alimentar vamos juntar matéria orgânica à terra. A matéria orgânica é um alimento muito bom para as plantas se desenvolverem fortes e saudáveis.»

Além de uma introdução à botânica, as crianças interagem com a natureza, familiarizam-se com conceitos como biodiversidade e aprendem que cada ser vivo – pessoas, animais e plantas – tem o seu lugar na Terra. A inserção da jardinagem no programa de ATL pretende incutir nos mais novos o respeito pelo ambiente, pelas árvores, pelas plantas, pelos bichos. O que é dito nestas aulas não é descartável, vai-se manifestando pela vida fora; a educação ambiental quanto mais precoce for mais enraizada fica. Como uma semente que se enterra, germina e vai crescendo. Nalguns casos o respeito por tudo o que é da natureza é assimilado de tal maneira que algumas crianças até os caracóis querem proteger, mesmo sabendo que podem ser uma praga para as plantas. No fundo, bem vistas as coisas, é uma questão de escolha. O Mário, por exemplo, tem uma posição claríssima no jogo da sobrevivência. Quando vê o amigo João a dar um pontapé num caracol que se deliciava a comer a folha (mais uma) de uma planta, e apesar de lhe dizerem que o bicho ao comer as plantas está a matá-las devagarinho, Mário defende o invertebrado até não lhe restarem mais argumentos do que o derradeiro «o bicho precisa de comer».

Tirar a cica do vaso não está a ser fácil. As raízes «colaram-se» de tal maneira ao recipiente e cresceram tanto que até saem pelos buracos da drenagem de água. A monitora Francisca – uma ex-participante deste Pró-Ambiente, o programa de actividades de tempos livres que há cinco anos consecutivos decorre no JBA durante o mês de Julho, e que agora, com 18 anos, ocupa as férias de Verão a acompanhar as crianças em ATL – voluntariou-se para a tarefa mas desiste, pede ajuda às jardineiras do JBA. Mãos experientes tomam conta do caso e não sem dificuldade. Quando Manuela e Fátima conseguem tirar a planta do vaso e separar as raízes umas das outras, os olhos de Xavier ficam arregalados: «Isso estava tudo dentro do vaso?» Confirma-se que a cica estava mesmo a precisar de mudar de solo.

Praga O respeito pela natureza é assimilado de tal maneira que até os caracóis eles querem proteger, mesmo sabendo que são uma praga.

«Porque é que o sal queima as plantas?»

Todos esperam ansiosos pela preparação do canteiro onde irão colocar a cica, uma planta maior do que o escovilhão-vermelho. Estão ansiosos porque é o momento de fazerem o que mais gostam, sujarem as mãos de terra. Não uma terra qualquer. «Macia», «fofinha», como a descreve a Ana Rita. Mas antes disso há que fazer a mistura e essa tarefa, por ser pesada, são as jardineiras certificadas que a executam com a ajuda da pá e do ancinho e acompanhadas pelo olhar fixo dos aprendizes. Uma selha de areia, duas de terra vegetal com matéria orgânica, uma de turfa. «O que é a turfa?», «que grande mistura-ção», «a minha mãe não faz isto na nossa casa», «eu tenho um cão que faz buracos grandes na terra»... as perguntas e os comentários atropelam-se. A novidade desperta a curiosidade das crianças, que pela primeira vez ouvem falar de determinados termos. Como turfa, um material natural, leve, que beneficia a estrutura do solo, retém a água e os fertilizantes. A areia sabem o que é, já a conhecem, por causa dela também gostam de ir à praia; o que não sabiam é que nas plantas se aplica a de rio. Porque a outra é salgada e o sal queima as plantas. «Ah, é por isso. Porque é que o sal queima as plantas?» Dalila concentra-se na resposta a uma outra pergunta e Diogo insiste na sua. Sem assumir a responsabilidade da lição, arrisco com o que me ocorre e me faz sentido: «Então, o que é que as pessoas que vivem nos países onde neva muito deitam no chão? Sal, não é? Porque o sal faz a neve derreter mais depressa. Se faz derreter, é porque queima. E não é isso que queremos que aconteça às plantas, pois não?» «Ah. Então o sal é como o fogo. Já viu as árvores arderem? O fogo queima muito. Há pessoas que deitam os cigarros acesos para o chão e não deviam fazer isso.» Além de uma iniciação à botânica, de umas noções sobre as características das plantas, as épocas de sementeira e de floração, a sementeira propriamente dita, a plantação, os nutrientes..., as crianças mostram que aqui obtêm conhecimento multidisciplinar, neste caso de química, e reforçam os de civismo e de consciência ambiental adquiridos em casa e na escola.

A aula prossegue com Dalila a explicar que em casa os meninos que tiverem plantas também podem fazer esta mistura de areia, terra vegetal e turfa nas mesmas proporções. Sara vê na sugestão uma revelação: «A minha mãe vai gostar muito de saber isso. Nós temos uma casa na serra de Sintra com muitas plantas...» «E estrume de cavalo», acrescenta a professora, «se tiverem um cavalo, não se esqueçam, aproveitem o estrume e apliquem-no nas plantas.» Pergunta o João: «Estrume de cavalo é cocó de cavalo?» A Inês diz que sim e mais, «é cocó e chichi de cavalo». Quando Fátima e Manuela despejam em cima do plástico estendido no chão a última camada de turfa, o Diogo adianta-se ao que todos querem saber: «E agora, já podemos misturar tudo?»

Um «siiimmm!!!» sonoro capaz de se ouvir no tabuleiro inferior do Jardim Botânico da Ajuda, a parte destinada a passeio orna-

Saber «O que é a turfa?», «que grande misturação», «a minha mãe não faz isto na nossa casa», «eu tenho um cão que faz buracos grandes na terra»...

Com muito cuidado para não danificarem as raízes, as crianças retiram a planta do vaso para a colocarem no canteiro definitivo.

mental pelo homem que o projectou, o italiano Domingos Vandelli, que a pedido do rei veio propositadamente de Pádua para na Ajuda fazer um jardim com características semelhantes ao da sua cidade natal, então considerado o mais belo da Europa; teve sucesso nessa missão o botânico, conseguindo imprimir os modelos de arquitectura renascentistas, onde não faltam as marcas da época: a pedra esculpida e a água em fontes e lagos. «Muito depressa não, Mafalda, que a terra vai para fora do plástico. Assim, como a tia Dalila ensinou, vês?» Mafalda vê e tenta imitar o ritmo que Carolina impõe. Devagar, enfiam as mãos no monte de areia, de terra e de turfa o mais fundo que conseguem. Retiram as mãos cheias de terra, abrem-nas e deixam a terra fresca escapar por entre os dedos. Gesto espontâneo, ninguém o sugere. Como se cada criança estivesse programada para sentir o prazer da terra a cair suavemente por entre os dedos. Com a areia tem-se uma sensação aproximada, mas, como atesta ou contesta uma das gémeas, julgo que a Catarina, «não é bem igual, porque a areia foge das mãos mais depressa e a terra não foge tanto». Ana Rita completa a opinião da amiga: «É macia, tão fofinha.»

Todos se divertem a sujar as mãos. Todos, menos o Bernardo, que, aliás, ainda não meteu mãos à obra em nenhuma das tarefas até agora propostas, embora pareça estar a ouvir tudo com atenção. Estará aborrecido? Que não, que gosta muito de «cantar como os pavões» e de «tulipas, porque são bonitas, mas só há na Primavera». E de mexer na terra, como os amigos? «Só na terra molhada. Gosto de brincar na lama.» Tarda nada, Bernardo terá o seu momento, que as plantas precisam de ser regadas. E nessa altura quem vai ficar a olhar é o Mário, que «detesta mexer na terra molhada».

Solo bom, solo mau

A poucos metros do processo de «misturação» por 18 pequenas mãos, encontra-se Gonçalo, silencioso, de olhos fixos nas outras crianças da mesma idade. É filho da jardineira Manuela, o que à partida lhe garante, em relação aos outros, um avanço grande em experiências de mexer na terra. Olha-os sentado num tractor da cor do céu. Tem sete anos e apesar de viver numa casa sem jardim sabe fazer «muitas coisas» da profissão da mãe porque as executa na escola, onde existe um pequeno jardim e uma horta biológica.

Depois de misturarem muito bem a areia, a terra com a matéria orgânica e a turfa, é chegada a hora de as jardineiras a transportarem com uma pá para o canteiro onde a cica irá crescer até atingir uns dois ou três metros de altura – deve ser por essa razão que também lhe chamam falsa palmeira (seria mais acertado chamarem-lhe então «palmeira-anã», como alguém do grupo sugere).

Para que percebam se o solo é bom ou mau para as plantas, Dalila Espírito Santo procede a uma experiência. Desafia: «Quem quer fazer mais porcaria na terra?» De Bernardo não saiu um prolongado «euuuuuuuuuu» como dos outros. Dalila pede que cada um pegue num bocado de terra do canteiro que aguarda a cica e diz-lhes para o apertarem. «Fica duro, não fica? Faz rolinho. Significa que a terra é barrenta e por isso não presta para as plantas. Reparem nas vossas mãos. Parece que têm barro. Então o que temos de fazer?» Calados. «Misturar areia.» A título de comparação, pede-lhes que façam o mesmo com um punhado de areia. «Não conseguem moldar pois não, não conseguem fazer um rolinho, é demasiado mole, desfaz-se. Também por isso não presta. Então o que devemos fazer neste caso?» Mudos. «Misturar com terra vegetal e turfa.» Da lição de há bocado, afinal, só prestaram atenção à parte prática em que meteram as mãos na terra. Do que Dalila ia dizendo pouco retiveram. Nada que uma revisão da matéria dada, e desta vez com as mãos limpas para evitar desconcentrações, para as crianças ficaram a saber que um solo demasiado barrento, como no primeiro caso, retém muito a água da chuva e da rega, deixando o solo num estado permanentemente húmido, levando ao apodrecimento das plantas. Com a segunda experiência aprenderam que um solo demasiado arenoso é demasiado permeável, não retém a água, seca depressa e por essa razão exige regas frequentes, o que acaba por ser uma opção insustentável, nada amiga do ambiente, considerando o problema da escassez de água e o desperdício que seria utilizar a água potável que sai das torneiras para a rega.

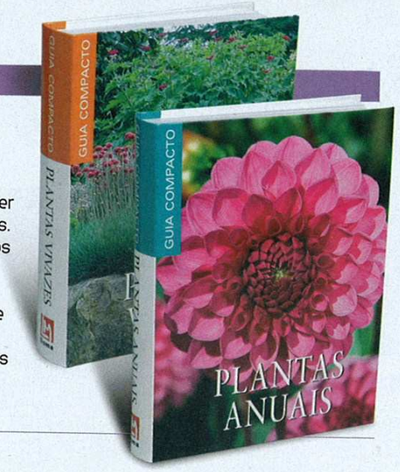
Alisada a terra com as mãos, o momento alto de Bernardo está mesmo prestes a acontecer. Mas antes é preciso regar a cica e o escovilhão-vermelho. Bernardo é o primeiro a oferecer-se para segurar no regador, mas demora-se pouco nessa missão. Ainda a água não penetrara totalmente na terra, Bernardo passa o regador a Xavier e mexe na terra molhada – ou na lama, como ele prefere. O Mário dá um passo atrás sem disfarçar a expressão de nojo, que acompanha com um alto «blac».

A lição termina com a apanha de ervas daninhas e uma revisão sobre infestantes. «Alguém sabe o que são ervas daninhas?» «São plantas que picam.» «São plantas que comem as outras.» «São plantas más porque bebem a água das plantas boas.» Entre as ervas daninhas surgem urtigas e as crianças ficam a saber que, além de um «óptimo adubo para afastar o piolho das plantas», as urtigas, estas sim, picam, fazem «um delicioso esparregado». De repente, alguém se lembra de perguntar: «O que é hoje o almoço?» Para abrir ainda mais o apetite para o bacalhau à Brás que os espera no Estufa Real, o restaurante do Jardim Botânico, as crianças vão brincar ao jogo do espanta-insectos para «defender o eucalipto de mosquitos».

Para a semana, mais três aulas de jardinagem. Se o crescimento natural das plantas não sofrer atrasos, esperam transplantar para vasos os amores-perfeitos e as margaridas que semearam em copos de iogurte e que entretanto germinaram. As que semearam para integrar a colecção do Jardim Botânico só mais tarde as vão colocar nos canteiros definitivos. Para que daqui a uns anos estas crianças, então adultos, visitem o jardim e vejam a «sua» planta crescida como eles. Como a monitora Francisca, que plantou a sua *yuca* em 2002, era ainda menina do Pró-Ambiente: «Quando passo por ela e vejo que está enorme sinto orgulho, porque fui eu que cuidei dela quando era deste tamanho [um palmo] e a plantei ali, onde está», na zona reservada à América. Pergunta final, só para testar a concentração: «E o escovilhão-vermelho e a cica que hoje plantámos, em que zona as pusemos?» Todos: «Austrália.» E assim se vai mantendo e renovando um dos mais belos jardins botânicos de Portugal, que já chegou a ter, nos finais do século XVIII, cerca de cinco mil plantas.«

TUDO SOBRE...

Plantas Anuais e *Plantas Vivazes*, dois pequenos guias compactos, da Editora Lisma. Imprescindíveis para quem quer aprender e ensinar às crianças. Contém textos pormenorizados sobre cada variedade, com informações sobre a área coberta pelas plantas, o tipo de solo, o período de floração e a resistência. Fotografias a cores para associar o nome à planta.



ONDE APRENDER?

Viveiros Sol Poente
Morada: EN 107, s/n, Ardegães, Águas Santas, Maia
Informações e inscrições: 229751238/965300469
E-mail: solpoente@sapo.pt

> **Vamos Meter as Mãos na Terra** [60 EUROS]
16 de Agosto (das 09h30 às 12h00 e das 14h30 às 17h30)

Serralves (CURSOS)
Morada: Rua D. João de Castro, 210, Porto
Informações: 808200543
E-mail: ser.educativo@serralves.pt
Inscrições: na recepção do museu, de terça a domingo no horário de funcionamento; pelo correio, mediante pagamento efectuado por cheque à ordem da Fundação de Serralves.

> **Cultivo e Multiplicação de Plantas Aromáticas e Medicinais** [75 EUROS]
13 e 14 de Setembro (das 10h30 às 13h00)

> **Plantas Tintureiras** [75 EUROS]
13 e 14 de Setembro (das 10h30 às 13h00 e das 14h30 às 17h00)

> **Agricultura Biológica** [75 EUROS]
25 e 26 de Setembro (das 10h30 às 13h00)

> **Native Garden** [50 EUROS]
4 de Outubro (das 10h30 às 13h00 e das 14h30 às 17h00)

> **Jardins Rochosos e Plantas Bolbosas** [50 EUROS]
11 de Outubro (das 10h30 às 13h00 e das 14h30 às 17h00)

> **Poda de Plantas Ornamentais** [75 EUROS]
22 e 23 de Novembro (das 10h30 às 13h00)

> **Poda de Fruteiras** [75 EUROS]
3 e 4 de Dezembro (das 10h30 às 13h00)

Monserrate (WORKSHOPS)
Morada: Estrada de Monserrate, Sintra
Informações e inscrições: 219237315
E-mail: dea@parques desintra.pt

> **Conceitos Básicos de Jardinagem** [40 EUROS]
11 de Outubro (das 10h00 às 13h00)

> **Doenças, Pragas e Infestantes** [45 EUROS]
11 de Outubro (das 14h30 às 17h00)

> **Multiplicação de Plantas** [45 EUROS]
25 de Outubro (das 10h00 às 13h00)

> **Bolbos** [45 EUROS]
25 de Outubro (das 14h30 às 17h00)

> **Propagação de Plantas por Estacaria** [55 EUROS]
8 de Novembro (das 10h00 às 17h00)

> **Um Ano no Jardim** [55 EUROS]
22 de Novembro (das 10h00 às 17h00)

Jardim Botânico da Ajuda
Morada: Calçada da Ajuda, s/n, Lisboa
Para mais informações e inscrições: 969534386/213622503
E-mail: minicursosde jardinagem@gmail.com

> **Minicursos de Jardinagem para adultos. De Janeiro a Junho de 2009**